

“Colocamos a lista num envelope pardo”

- O senador José Roberto Arruda disse que ACM queria a lista
- O Gazzola e o Ivar foram para o Prodasen com um ‘laptop’
- O envelope foi entregue ao assessor Domingos Lamoglia

DANIELA PINHEIRO

*A ex-diretora do Prodasen Regina Célia Peres Borges, 52 anos, chorou duas vezes durante entrevista exclusiva ao **Jornal do Brasil**, na qual contou com detalhes como o líder do governo, José Roberto Arruda, do PSDB, falando em nome de Antonio Carlos Magalhães, deu a ordem para que ela obtivesse a lista nominal dos votos sobre a cassação do senador Luiz Estevão. Ela estava apreensiva. Mas em nenhum momento se contradisse e demonstrou grande segurança ao falar. Regina Borges decidiu que sairá o menos possível de casa, não atenderá mais a telefone e não esconderá nada do que fez para violar o painel de votação do Senado. A seguir, o seu depoimento ao **JB**:*

“Eram oito ou nove horas da noite quando meu telefone tocou. Eu tinha acabado de chegar em casa do trabalho no Prodasen. Do outro lado da linha, o senador José Roberto Arruda. Grave, ele disse que eu fosse imediatamente a sua casa para tratarmos de ‘um assunto’ pessoalmente. Éramos quase vizinhos e em pouco tempo eu estaria lá. Achei estranho o telefonema. Ele nunca tinha me telefonado fora do expediente. Não tinha idéia do que ele poderia querer comigo naquele horário. Fui. Ao chegar na casa do senador, seu filho tocava um instrumento. Acho que era saxofone. Ao me receber, o senador disse que falava comigo em nome do presidente do Congresso, senador Antonio Carlos Magalhães, e disse que eu deveria conseguir o resultado nominal da votação da cassação do senador Luiz Estevão, que aconteceria na manhã do dia seguinte.

Fiquei indignada. A primeira coisa que falei foi que não dava, que era impossível violar aquele sistema. Na verdade, eu nem sabia se era possível ou não. Ele ficou me olhando e disse ter informações de que era possível, sim. O senador Arruda falou que o presidente Antonio Carlos queria a lista. Não sei direito o que eu pensei na hora. Coloque-se no meu lugar: eu, sozinha, na casa de um senador da República, à noite, recebendo ordem expressa de uma figura com o peso do senador Antonio Carlos. Eu não sabia o que poderia acontecer. Se não cumprisse a ordem, teria que me demitir no dia seguinte? E como iria explicar a minha demissão? E se ninguém acreditasse em mim? Ia ser a palavra de uma funcionária anônima contra a de uma das maiores autoridades do país. Estava há quase quatro anos trabalhando com o senador Antonio Carlos. Durante todo esse tempo, ele foi extremamente justo.”

(Continua na página 3)